Hygiene, do Grupo XIX de Teatro, é a desoladora história (que não ficou na História) da periferização do Brasil na viragem para o século XX — e ao mesmo tempo uma festa, amarela como a febre. De Coimbra a Torres Vedras.

Sangue nas avenidas novas

Inês Nadais

Ruas vazias, blocos inteiros de apartamentos sem ninguém — Luiz Fernando Marques, o encenador do Grupo XIX de Teatro, diz que estão por todo o lado, como uma epidemia, nas cidades brasileiras. Velha história, reconhece, mas foi com ela que a companhia de teatro que dirige se deparou há uns anos, quando estreou a sua primeira peça, Hysteria , outra visita guiada a um lugar muito pouco frequentado — no caso, a condição feminina no Brasil de finais de oitocentos, reconstituída a partir de depoimentos reais, fichas médicas, fichas policiais e diários de época de mulheres diagnosticadas com histeria, que as autoridades se apressaram a fechar a sete chaves em hospícios espalhados por todo o país. "Fazíamos o Hysteria em locais históricos e isso obrigou-nos a visitar muito património no Brasil. Quase tudo estava abandonado. A nossa relação com a questão da habitação começou a ficar muito forte aí. É uma história muito brasileira — com a sua modernidade, os prédios passaram por cima de tudo e o passado foi. O abandono e a destruição no Brasil são imensos. Então veio a pergunta: o que é que a gente faz com tudo isso?"

Tudo isso não são só os vestígios patrimoniais, nalguns casos imprestáveis noutros nem tanto, da violência com que o progresso abriu as suas avenidas novas, indiferente ao sangue. É também toda uma memória colectiva que, continua Luiz Fernando Marques, felizmente começa a emergir, com o boom da História da vida privada no Brasil. De ambos esses materiais se alimenta Hygiene, o segundo espectáculo da vida do Grupo XIX de Teatro que hoje abre em Coimbra (Largo da Sé Velha, 19h; repete amanhã) nova edição do São Palco — Mostra de Teatro de São Paulo e depois viaja até ao FITEI — Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, no Porto (dias 2 e 3, às 20h30, Mosteiro de São Bento da Vitória), e ainda até Torres Novas (dia 10, às 18h, Mercado do Peixe; dia 15, às 18h, Igreja do Salvador) e Torres Vedras (dia 16, às 18h, no centro histórico). Uma festa e uma febre — amarelas, como a epidemia — que começa em casamento e acaba em funeral, sempre na rua, porque na rua se vivia então. "A rua era o espaço onde tudo acontecia no Brasil do passado; a festa de casamento da minha mãe foi na rua, e não faz tanto tempo assim. Com o tempo tudo se foi privatizando: o samba foi para o sambódromo, os casamentos foram para o salão de festas", nota o encenador (também fala sobre isso no livro duplo que a companhia editou depois das experiências de Hysteria e Hygiene: "[Esse] povo tinha a casa apenas como um abrigo para dormir, pois [as] suas questões de ordem política, sexual, religiosa e festiva estavam postas na rua, no colect ivo, ou seja, na cidade").

Entre o casamento e a festa, Hygiene é a história do Brasil levantado do chão por massas cada vez mais desmesuradas de imigrantes europeus, amontoados, à falta de melhor opção, nos cortiços — habitações colectivas precárias, e então sem instalações sanitárias, partilhadas por várias famílias. Mais exactamente, a história do momento preciso em que as campanhas de higienização com que o Brasil se fez moderno limparam o centro das grandes cidades, demolindo os cortiços entre mortos e feridos e empurrando milhares para as favelas — uns anos antes da histórica Revolta da Vacina, que em 1904 mobilizou o Rio de Janeiro contra a vacinação obrigatória contra a varíola imposta pelo Governo Federal. São os anos certos quando se quer "tentar entender o Brasil": o Brasil real, profundamente periferizado, e o Brasil mítico, multiracial e multiétnico, que Luiz Fernando Marques diz não ser bem de verdade ("Se quer saber, estamos todos muito separados"). Verdade é isto: "O período da viragem do século é muito importante. Ali se formou o caldeirão dos dilemas que nos acompanham até hoje — ainda persiste, esse discurso da higienização do centro, que entretanto ficou vazio porque as pessoas moram a umas três, quatro horas de lá. E ali a normatização, que até aí passava muito pela religião, pela ideia de pecado, foi assumida pela ciência. Quisemos tentar revelar o que esteve por trás dessa frase um bocado intocável: 'Vamos fazer isso pela saúde'. Tal como em Hysteria quisemos mostrar como a loucura era uma forma de disciplinar o papel das mulheres na sociedade."

Vigiar e punir

Absolutamente anómalos à luz da nova ordem moral burguesa, os cortiços onde a outra metade vivia "em anarquia e promiscuidade" eram também centros declarados de propagação de ideias revolucionárias — é, portanto, também de um saneamento político (e económico) dos centros urbanos que estamos a falar. Vigiar e punir, com vacinas e polícias: "Nas moradias colectivas ficava mais fácil encontrar formas de organização política e social, escapando à repressão. Por isso dizemos que os moradores que resistiram às demolições não lutavam contra a higiene, lutavam contra a História", prossegue Luiz Fernando Marques. Escusado dizer que perderam: as lavadeiras, os operários, os anarquistas, os mendigos, as prostitutas, os ex-escravos, os ardinas e os pequenos proprietários de que reza esta história são a sujeira escondida pelo tapete do progresso inscrito na bandeira brasileira. E carne para a nostalgia da plateia, admite o encenador: "Acho que há uma saudade muito grande disso que éramos, dessa dinâmica do convívio e do encontro que a rua permitia. A peça também é um convite para a plateia viver na rua — fazer isso em São Paulo é especial mesmo, porque em São Paulo, hoje, é muito forte andar na rua." Mas não precisamos de ir tão longe: as nossas ruas, estas onde Hygiene estará nos próximos dias, também não andam fáceis.